

PNEUMATIKÓTETA E EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS: A FILOSOFIA COMO UM MODO DE VIDA NA ANTIGUIDADE GREGA.

JOÃO RANIERY ELIAS DA SILVA¹

Resumo: O presente artigo pretende refletir acerca da filosofia como um modo de vida com base no conceito de *Pneumatikóteta* (espiritualidade) e exercícios espirituais na antiguidade grega. Partindo da análise da relação entre Discursos e vida cotidiana, propõe elucidar que tais realidades não são dissonantes e nem ambíguas, mas se complementam. Sob o exemplo das escolas filosóficas epicuristas e helenistas, exemplifica que a filosofia, em última análise, é uma atividade transformadora de vidas, uma terapeuta de almas humanas que tem no diálogo, como bem propunha Platão, um exercício espiritual que modifica toda aquela que se permite entrar no caminho dialético. Chegando, por fim, a compreensão de que, as práticas espirituais, tão vividas pelos antigos e transformadora todos indivíduos, só eram possíveis por causa da espiritualidade existente aqueles que se dispunha a tal.

Palavras-chaves: filosofia, espiritualidade, discursos, modo de vida, exercícios espirituais.

Abstract: This article aims to reflect on philosophy as a way of life based on the concept of *Pneumatikóteta* (spirituality) and spiritual exercises in Greek antiquity. From the analysis of the relationship between Discourses and everyday life, it proposes to clarify that such realities are not dissonant or ambiguous but complement each other. Under the example of the Epicurean and Hellenistic philosophical schools, it is exemplified that philosophy, ultimately, is a life-transforming activity, a therapist of human souls that has in dialogue, as Plato proposed, a spiritual exercise that modifies everyone who allows you to enter the dialectical path. Finally, it leads to the understanding that spiritual practices, so lived by the ancients and transformative of all individuals, were only possible because of the existing spirituality to those who were willing to do so.

Keywords: philosophy, spirituality, discourses, way of life, spiritual exercises.

¹ João Raniery Elias da Silva é mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco e professor da Faculdade Macêdo de Amorim (FAMAM). E-mail: joaoraniery@hotmail.com.

Um dos grandes problemas enfrentados pela filosofia é ela mesma se autodefinir. Em toda história do pensamento filosófico é possível encontrar uma multiplicidade de filosofias. As diferentes doutrinas encontradas ao longo do tempo, com sua diversidade no modo de se explicar o mundo, a partir da genialidade advinda dos problemas cotidianos, revelam que não há apenas diferenças quanto a doutrinas, mas também, e quem sabe principalmente, diferenças nas estruturas e comportamentos filosóficos. É o que poderia se chamar de elemento não-discursivo da filosofia. Nos dias atuais, quando se fala em *philosophia*, comumente faz-se referência à forma de pensar e elaborar uma explicação abstrata do mundo, tendo como base a análise de argumentos e a leitura de textos em busca de uma justificativa lógica e doutrinária. Em outras palavras, ocorre na mente daquele que se refere ao ato de filosofar a ideia de uma atividade unicamente discursiva. Contudo, essa não parece ser a única concepção possível. A filosofia, de fato, pode se manifestar de múltiplas formas, muito além do discurso, como algo que se relaciona intrinsecamente com a vida que leva o indivíduo, com as escolhas práticas por ele feitas no tempo presente, e/ou em um tempo determinado. De modo que, quando analisado no contexto da filosofia antiga, o ato de filosofar deve ser concebido como um modo de vida profundamente espiritual (*Pneumatikó*).

No entanto, quando se coloca a afirmação nesses termos, não se busca negar a importância do discurso para os antigos; de fato, compreender a filosofia como um modo de vida e, necessariamente, espiritual não significa, para eles, deixar de lado o aspecto teórico-discursivo, mas seria uma forma de abarcar a questão discursiva e doutrinária como algo integrado na prática cotidiana e na forma como se encara a vida. Dito de outro modo, o discurso filosófico, para os antigos, deve estar atrelado à vida daquele que se predispõe a discursar. Por isso, aceitar a filosofia como modo de vida é, antes de tudo, colocar o discurso manifestadamente presente no modo de vida específico, a partir de práticas contemplativas supra-discursivas que revelem, sem ambiguidade, o modo como se pensa e vive. Acertadamente compreende Hadot: “o discurso filosófico deve ser compreendido na perspectiva do modo de vida no qual ele é, ao mesmo tempo, o meio e a expressão e, em consequência, que a filosofia é, antes

de tudo, uma maneira de viver, mas está estreitamente vinculada ao discurso filosófico”².

A própria utilização do termo *philosophia*, como amor à sabedoria, seria uma forma propositiva e vocacional para todos aqueles que quisessem viver através de suas reflexões. Filosofar seria, primeiramente, uma escolha de vida, um modo de se comportar e de se conduzir; e depois, uma reflexão teórica. A significação de *sophia*, saber ou sabedoria, já traz consigo um aspecto prático, por conceber a noção de saber/conhecer/ver sobre a coisa. E essa sabedoria, em Sócrates, seria um “saber bem” sobre si mesmo, que tornaria possível conduzir sua vida da melhor forma possível. De modo que “o verdadeiro saber é, finalmente, um saber-fazer, e o verdadeiro saber-fazer é um saber-fazer bem”³. Logo, o ato de filosofar seria essa sabedoria que comporta tanto a teoria, no conhecer ou ver as coisas, quanto a prática no saber-fazer.

E ainda mais: quando analisada sob esses termos, a palavra *philosophia* seria o argumento suficiente para diferenciar o fazer do *sophistés* (sofista) e o ser do *philósophos* (filósofo). Enquanto o primeiro se dedicava a ensinar o que é útil à vida política, por meio de métodos de persuasão, retórica, aritmética, geometria e cultura em geral, através de suntuosos pagamentos, ou seja, dando ênfase apenas no fazer; o filósofo, por seu turno, era aquele que ensinava a quem quisesse aprender, recusando qualquer tipo de pagamento ou barganha, tendo como único anseio o de fazer seus ouvintes capazes de pensar por si mesmos, não apenas quanto às coisas pertinentes à vida política, mas de forma cabal e intelectualmente mais abrangente, refletindo sobre o modo como se deve conduzir a vida, sejam quais forem os seus âmbitos. Sendo assim, representadas em sua etimologia estas duas realidades, teórica e racional, a filosofia teria como objetivo o de justificar e explicar através de sua atividade a escolha de um determinado modo de vida, ao passo que a faz profundamente espiritual. Ou seja, um discurso que é condicionado e que se refere àquilo que se vive. E é justamente nesta ordem: a opção pelo modo de vida filosófico é um preâmbulo, e ainda mais, é a origem de todo o discurso filosófico

Em primeiro lugar, ao menos desde Sócrates, a opção por um modo de vida não se situa no fim do processo da atividade filosófica, como uma espécie de

² HADOT, 2014, p. 17.

³ *Idem, Ibidem*, 39.

apêndice acessório, mas, bem ao contrário, na origem, em uma complexa interação entre a reação crítica e outras atitudes existenciais, a visão global de certa maneira de viver e de ver o mundo, e a própria decisão voluntária; e essa opção determina até certo ponto a doutrina e o modo de ensino dessa doutrina. O discurso filosófico tem sua origem, portanto, em uma escolha de vida e em uma opção existencial, e não o contrário. [...] Essa opção existencial implica, por seu turno, certa visão de mundo, e será tarefa do discurso filosófico revelar e justificar racionalmente tanto essa opção existencial como essa representação do mundo.⁴

Dessa forma, não haveria uma oposição entre modo de vida e discurso. Aliás, não há como diferenciar o que seria unicamente teoria e o que seria realmente prática. Já que um interfere, substancialmente, no outro. É possível que o discurso produza efeitos no leitor, bem como o leitor influa na forma que se discursa.

Assim, aqui não há oposição entre modo de vida e discurso (oral ou escrito), como se o primeiro dissesse respeito apenas à vida prática e o segundo apenas à teoria. Como assinala o autor, o discurso pode produzir um efeito sobre o ouvinte ou o leitor, o que é de caráter prático, assim como o modo de vida pode ser teórico, ou seja, contemplativo. Há uma relação mútua entre discurso e vida: o discurso participa e influi na vida e a vida define o discurso.⁵

Quando se pensa no papel histórico da filosofia na realidade social, é possível encontrar já na formação da Academia platônica, uma filosofia que era, antes de tudo, em oposição à *paideia* meramente retórica preconizada por Isócrates, uma proposta de educação em níveis elevados. De fato, Platão e Isócrates foram responsáveis pelo primeiro acesso dos cidadãos gregos a uma cultura superior⁶. Neste período, a filosofia assume status de um caminho mais exigente que a própria retórica, uma vez que implicava em estudos mais exaustivos na busca de uma conversão de vida ao modo filosófico de ser. Logo, a *paideia* seria uma busca pela sabedoria, através de discursos filosóficos que se refletissem na vida do cidadão.

A filosofia era um caminho mais exigente que a retórica, pois implicava em estudos mais exaustivos e, muitas vezes, na adoção de um modo de vida mais austero. Afinal, o termo *Philosophia*, a partir de Platão, designa o cultivo da cultura geral, mas além disso, também a busca por uma sabedoria que, indo além do discurso filosófico, reflete-se no modo de vida. É por isso que a adoção da *paideia* filosófica implica, em alguns casos, em uma espécie de

⁴ *Idem, Ibidem*, 17-18.

⁵ OLIVEIRA, E., 2015, p. 3.

⁶ No que diz respeito a essa questão, ver MARROU, 1975, p. 102.

conversão que se manifesta na transformação da visão de mundo, escala de valores e até mesmo no modo de vestir e se alimentar.⁷

Quanto a isso, não é difícil encontrar relatos de autores que atestam exemplos de vidas mortificadas, em vista da mudança para um modo de viver filosoficamente⁸. Não obstante, havia ainda alguns que acreditavam ser a filosofia apenas uma cultura que formava o homem eruditamente⁹, ou um tópico sistemático de investigação racional da realidade; por fim, sugeriam outros que filosofar poderia ser considerado como um modo de vida racional¹⁰. Além dessas concepções, ainda se encontram escolas filosóficas na Antiguidade que compreendiam a filosofia, em sua realidade contemplativa, como tradutora de uma vida feliz e prazerosa, como era o caso da escola epicurista e estoica. Para elas, o saber buscado por aqueles que se decidem a viver para a filosofia promoveria uma vida de paz de espírito (*ataraxia*) em que a liberdade interior (*autárkeia*) era a base para o seu estar no mundo. Dessa forma, “a filosofia era um modo de existir no mundo que deveria ser praticado a cada instante e cujo objetivo era transformar a totalidade da vida individual”¹¹. Ou seja, a filosofia seria a arte de viver (*tékhnē tōu bíou*)¹². Sendo arte (*tékhnē*), isto é, um conhecimento racional direcionado para algum procedimento prático, poder-se-ia dizer que tem dois pilares ou fundamentos, os quais estão de acordo com esse modo de se interpretar a filosofia: em primeiro lugar, a realidade formal dos princípios doutrinários; em segundo, a dinâmica própria dos exercícios práticos espirituais. Essas duas realidades, se intercambiando, produziriam a necessária e provocativa transformação de vida exigida pela atividade filosófica.

Pois bem, vendo a filosofia como essa atividade transformadora de vidas, que propõe uma conversão a todos aqueles que dela lançam mão, seria necessário um

⁷ BRANDÃO, 2013, p. 525.

⁸ Diógenes Laércio, em sua obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, chama a atenção para dois relatos que são exemplos dessa conversão de vida aos moldes filosóficos. O primeiro é o de Pólemon, que acabou entrando embriagado na aula de Xenócrates. Ao ouvir o belo discurso do filósofo, deixa sua vida libertina e passa a querer o modo de vida filosófico (Cf. IV, 16); e o segundo caso seria o de Hiparquia, jovem rica que abandona tudo para seguir o cínico Crates (VI, 96). Além desses exemplos, não se poderia deixar de mencionar Agostinho, que atribui a conversão à filosofia à leitura do *Hortênsio* de Cícero.

⁹ Esse era o caso da concepção da escola de Isócrates. Cf. MARROU, 1975, p. 130-149.

¹⁰ Entenda-se racional sob dois aspectos: por um lado, seria um modo de vida vinculado ao *lógos* e não à tradição, convenção ou revelação; por outro, seria uma atividade que já possui fundamento no próprio modo de vida.

¹¹ HADOT, 1995, p. 265.

¹² SELLARS, 2009, p.55, usa essa expressão para se referir à concepção estoica de vida.

caminho, uma trilha para se chegar a tal intento. A isso, Pierre Hadot denomina de “exercícios espirituais”, que seriam práticas destinadas a mortificar e transformar aquele que as pratica. Os tais exercícios eram constituídos em três dimensões: a prática física, concernente a questões alimentares e atividades físicas; a prática discursiva, relativa ao exercício do diálogo; e a prática intuitiva, relacionada à contemplação. Como bem se sabe, todas essas dimensões dos exercícios espirituais têm origem e alcançam seu auge de observância na filosofia grega antiga traduzida como um modo de vida. *“Na expressão ‘exercício espiritual’, o acento deve recair sobre o primeiro termo. Trata-se efetivamente de exercício, no sentido mesmo físico, biológico e corporal do termo. Vem daí o significado terapêutico da filosofia tal como é concebida, por exemplo, pelo estoicismo e pelo epicurismo”*.¹³ Dessa forma, a filosofia assume o posto de uma terapia do homem em suas mais distintas realidades, mas que tem como foco primordial sua alma¹⁴.

Com efeito, nesse período antigo, o ato de filosofar seria um remédio contra o mal das paixões dominadoras que impõem obstáculos para se alcançar a felicidade, propiciando, assim, uma necessária cura¹⁵. De todo modo, a filosofia antiga, pensada como um modo de vida, por se saber que era uma terapêutica do indivíduo, estaria estritamente ligada à noção de virtude. Ora, “o discurso filosófico não existia para esculpir estátuas imóveis, mas para juízos geradores de atos úteis e escolhas em favor do bem. A cura da alma visava extirpar o vício e, em seu lugar, implantar a virtude”.¹⁶ Os exercícios espirituais tais como são apresentados aqui têm objetivos bem concretos na vida e nas escolhas dos indivíduos. Sua aplicabilidade transcende as expectativas que lhes são, naturalmente, condizentes. Ou seja, o que seria, primeiramente, teórico, quando pensado na filosofia como modo de vida, assume um alcance nas práticas do cotidiano, seja a lógica, o diálogo, o exercício de imaginação, de meditação ou até de atenção e vigilância.

Quando se pensa, com efeito, na lógica, seu objetivo iria muito além do silogismo, ao desejar aplicá-la no dia-a-dia do indivíduo para que ele percebesse as conexões necessárias entre os conhecimentos humanos e destes com as razões encontradas na natureza; quando se pensa no exercício espiritual da meditação, não

¹³ ALMEIDA, 2011, p.108.

¹⁴ HADOT, 2014, p. 154-155.

¹⁵ CÍCERO, 2014, IV.

¹⁶ BRANDÃO, 2013, p. 527.

se esvairia este como em uma espécie de nirvana, muito aquém da realidade presente, mas objetivava que o indivíduo refletisse sobre o que fez e o que deveria ter feito, sobre suas faltas e avanços, através da mortificação interior; o exercício de imaginação, por sua vez, colocaria o indivíduo a olhar as coisas sob a perspectiva da natureza, “de cima”, percebendo que as coisas humanas são periféricas e pequenas; a atenção e a vigilância conduziriam a alma humana a ter consciência dos seus limites e, assim, procurariam trabalhá-los; o diálogo, por fim, seria o melhor modo de se abrir mão de opiniões individuais para se chegar a um *lógos* comum/universal, pois, no exercício do diálogo, sempre se visará ao bem, à virtude.¹⁷

Sabe-se, pois, que no período helenístico existiram inúmeras e distintas escolas e correntes filosóficas¹⁸. Contudo, não é por ter essa multiplicidade que os indivíduos e/ou futuros filósofos se sentiam obrigados a estar nesta ou naquela escola filosófica. Antes, é com base naquilo que eles vivem, ou pretendem viver, que se escolhe a corrente que se quer seguir. Ou seja, a eleição do seguimento ao qual se quer aderir é pautada pelo modo de vida que nele se pratica¹⁹; primeiro se escolhe o modo de vida e só depois, analisando as diversas correntes e escolas filosóficas, se elege a que mais se assemelha com sua maneira de viver a filosofia. Isso se tornava mais fácil pelo fato dessas escolas, costumeiramente, se localizarem próximas umas das outras, possibilitando uma análise comparativa entre elas. Deve-se ter em conta que, embora com vieses diferentes – sendo algumas delas mesmo antagônicas entre si – todas essas escolas compreendiam que a filosofia não se fazia sozinha, isoladamente, mas em convívio com as diversidades. Mesmo tendo suas peculiaridades e divergências, todas possuíam seus métodos e exercícios espirituais, que tinham como objetivo educar o caráter e a personalidade daqueles que a elas aderiam. “[...] em todas as escolas serão praticados exercícios destinados a assegurar o progresso espiritual na direção do estado ideal da sabedoria, exercícios da razão que serão para a alma análogos ao treinamento de um atleta ou às práticas de um

¹⁷ Uma análise dos exercícios espirituais como práticas traduzidas na vida cotidiana, ressaltando os exemplos mencionados da lógica, do diálogo, do exercício de imaginação, de meditação, da atenção e vigilância, entre outros, assim como sua minuciosa aplicabilidade, encontra-se em OLIVEIRA, E, 2015, p. 5.

¹⁸ HADOT, 2012, p. 18.

¹⁹ *Idem*, 2014, 148.

treinamento médico. De maneira geral, eles consistem, sobretudo, no controle de si e na meditação”.²⁰

Dessa forma, cada escola teria seu método próprio, a partir de seu estilo de vida, de se alcançar a virtude/sabedoria, e as doutrinas e teses nelas contidas nada mais eram que a documentação daquilo que se vivia e experimentava em determinada realidade. Por se saber que seu objetivo primeiro, através dos exercícios espirituais, era o de transformar todo aquele que aderira ao *bíos* filosófico, modificando seu modo próprio de ser e viver – se já não estivesse condizente com o que é justo e reto – conduzindo-o a sabedoria. Com efeito, quando se analisam as escolas do período helenístico, percebe-se que a filosofia nada mais era, para elas, que um modo de vida, com caráter espiritual, necessário para que seus integrantes vivessem filosoficamente, em busca da sabedoria.

Contudo, esta visão da filosofia, no mundo antigo, como sendo, antes de tudo, um modo de vida – proposta, principalmente, por Hadot – não é aceita de forma unânime. A primeira grande crítica a essa corrente de pensamento é a que é feita por Sellars²¹, para quem acreditava que Hadot esqueceu o papel do *lógos* na prática filosófica, por não fazer uma devida distinção entre uma vivência pautada pelo *lógos* e as outras formas de vida, não necessariamente pautadas por um *lógos*, existentes na Antiguidade. John Cooper, na mesma linha, criticou a formulação hadotiana quanto ao uso do termo “escolha existencial” como se uma escola filosófica pré-determinasse as doutrinas que serão necessariamente aceitas pelos seus integrantes. Para Cooper, só existe uma opção existencial feita pelo filósofo antigo, que é a de viver de acordo com o raciocínio filosófico²². Para este autor, não há razão para se pensar que o pretense filósofo antigo escolha primeiro viver “como aquele outro vive”, deixando só para depois o conhecimento das doutrinas que dirigem a vivência que se pretende esposar. Na visão de Cooper, primeiro se decide por “viver segundo a razão. E mesmo que, ao mesmo tempo, alguém já se decida por viver como um estoico, um epicurista ou um platônico, essa escolha específica é subsequente.”²³

²⁰HADOT, 2012, 24-24.

²¹SELLARS, 2009, p. 116.

²²COOPER, 2012, p. 18-19.

²³*Idem, Ibidem*, p. 27.

Com efeito, ser epicurista ou estoico não seria, como pensava Hadot, algo vinculado à escolha de como existir nem, muito menos, de quais exercícios realizar na busca de se bem viver; mas sim aos argumentos filosóficos que condicionariam o modo de vida. Em outras palavras, de acordo com Cooper, a opção não seria sobre o tipo de *bíos* proposto por determinada corrente filosófica, e se esse *bíos* estaria conforme ao que desejo viver, mas se a escola em questão possui princípios fundamentais para uma argumentação racional. Sendo assim, contrariando Hadot, Cooper afirma que o que distinguiria um grupo filosófico dos outros tantos grupos existentes na época não seria o modo de vida, pois cada um tem o seu, sendo filosófico ou não. O que separa os filósofos do resto da população é o desejo de se viver com bases em razões filosóficas, e não em estilos de vida pré-determinados. *“É crucial para a compreensão do que a filosofia antiga, é ou foi, que se veja a força central do compromisso de viver uma vida com base na razão filosófica. É isso que separa os filósofos como um grupo do resto da população.”*²⁴

Todavia, mesmo que Cooper esteja correto em sua análise quando elucida o papel da argumentação racional como preponderante na escolha de um modo de vida filosófico, e não o contrário, como se se escolhesse primeiro um estilo de viver que traduziria a vivência dos indivíduos em determinadas realidades, notando que é a fundamentação racional que separaria os filósofos das outras tantas formas de vida; seria impossível discordar completamente de Hadot quanto àquilo que ele fala sobre a opção existencial a ser exercida, de modo substancial, na formulação e na adoção das doutrinas. Até porque os que ingressam em uma escola filosófica não o fazem por terem sido persuadidos sob os argumentos de uma determinada corrente, mas sim atraídos pelo modo de vida que vivem. A persuasão e as descobertas desses argumentos, como tão bem trata Hadot, seriam estudadas posteriormente. Ou seja, depois da escolha feita. De toda forma, à guisa de um posicionamento com base nessas duas argumentações, é necessário considerar que parece ser mais condizente, no tocante ao caráter da filosofia antiga, a concepção hadotiana de uma mútua interferência entre argumentação e modo de vida que a forma unilateral de compreensão proposta por Cooper. Contudo, este último autor tem razão quanto ao dizer que não seria adequado falar em modo de vida filosófico, no singular, mas sim

²⁴ *Idem, Ibidem*, p. 19.

em “modos filosóficos de vida”, já que se encontra uma multiplicidade de doutrinas, opções existenciais e práticas morais/espirituais dentro das diversas escolas.

Pois bem, Platão, ao fundar Academia, uma espécie de escola aberta, com registro até da livre participação de mulheres nas atividades elaboradas pela instituição, teve, talvez, a intenção de estabelecer um lugar de livre discussão e nascedouro de pensamentos, onde se buscava viver a igualdade entre todos que ali estavam na busca da virtude e da verdade. Visto dessa forma, o diálogo seria o principal exercício espiritual no modo de vida filosófico, para Platão, ao se perceber que sua dialética não está unicamente vinculada a um exercício de lógica, constituindo, antes de tudo, uma atividade espiritual que requer, dos que dele participam, ascese e autotransformação. De fato, não está unicamente na discussão de teses divergentes o objetivo do diálogo, na busca simplesmente de encontrar possíveis soluções para os problemas discutidos; mas é o próprio exercício filosófico do diálogo que propicia a ambas partes que sejam racionais e alcancem juntas o *lógos* comum. Sendo assim, a função do diálogo nunca é de informar, mas sim de formar. Sobretudo, a postura platônica evidencia o objetivo ético do diálogo e da liberdade nele contido contra toda uniformidade do pensamento.

Essa ética do diálogo explica a liberdade de pensamento que, pode-se vislumbrar, reinava na Academia. Espeusipo, Xenócrates, Eudoxo ou Aristóteles professavam teorias que não estavam totalmente de acordo com as de Platão, notadamente sobre o tema da doutrina das Ideias, e mesmo da definição do bem, pois sabemos que Eudoxo pensava que o bem sempre fosse o prazer.²⁵

O próprio exercício do diálogo é muito mais importante que os resultados ou conteúdos doutrinários que o diálogo possa produzir. Nesse dialogar socrático, os indivíduos vão formando, de modo amplo, o caráter da alma, ou seja, vão se autoeducando. Essa visão é tão nítida nos diálogos platônicos que Sócrates mesmo mostra a necessária liberdade que as partes divergentes devem possuir, evidenciando que o objetivo não é que no final da discussão todos tenham um só pensamento, de forma cristalizada; trata-se, antes, no pensar livre, de encontrar as questões que os uniriam em suas doutrinas tão diversas. E o que uniria essas divergentes formas de pensar seria *“justamente a escolha do modo de vida: escolher viver filosoficamente*

²⁵ HADOT, 2014, p.113.

*praticando o diálogo e visando a transformação a qual ele poderia conduzir, mais do que a alguma doutrina*²⁶. Dessa forma, todos aqueles que ingressam na Academia de Platão devem ser compreendidos como sendo pessoas que escolhem uma vida, e não como indivíduos escolhedores de meras teses.

O próprio conceito de Éros, como amor/desejo do que é belo/bom, elucida que a vida do homem é desejar/amar o que é belo partindo da beleza física para o belo em si ou para a beleza intelectual. Em outras palavras, a busca pela virtude e pela investigação da verdade, impetrada por meio do diálogo, é também busca e compreensão do belo que é amado. A filosofia, em sua essência, é escolha de viver filosoficamente, em busca daquilo que é amado, desejado e que possui a forma mais bela: o saber. O diálogo, com isso, seria um exercício espiritual, na medida que transforma, paulatina e de modo ininterrupto, aquele que o pratica, o qual se educa e se forma, independentemente de quais forem as conclusões a que se possa chegar – caso se chegue – dos dilemas discutidos.

Ora, ao mostrar a necessidade do diálogo para a construção do indivíduo como um todo, sendo o diálogo visto como o exercício espiritual por excelência, Platão não apenas elucida isso de forma abstrata, mas o faz fornecendo o exemplo de uma vida vivida sob os moldes de um autêntico e necessário autoexame: a vida de Sócrates. Aqueles que conhecem, um pouco que seja, algo do *Corpus platonicum* sabem que o fundador da academia colocava em Sócrates – figura fundamental em seus diálogos – o grande exemplo de filósofo que praticou tudo aquilo que a filosofia representava. Não é diferente quanto à questão dialógica. Uma vez que o diálogo é um caminho pelo qual o indivíduo poderia chegar ao seu melhoramento, o mestre de Platão, de quem ele não economiza elogios, não poderia deixar de praticá-lo. A vida de Sócrates e a teoria socrática não são pautadas por meio de sentenças e proposições, mas, ao contrário, por sua *práxis* e por seu método filosófico, o diálogo. Com efeito, tudo o que é possível ver no processo retórico e dialético do diálogo é refletido no modo socrático de filosofar, que desemboca, inevitavelmente, na filosofia de vida.

[...] Sócrates, apesar de dissimular aporia por todos os lados, é um homem constantemente inserido na vida social. [...] o indivíduo não precisa estar forado-mundo para transformar-se interiormente, muito pelo contrário, o cuidado

²⁶ OLIVEIRA, E., 2015, p. 12.

de si perde a sua eficácia social quando se dá em casos isolados. Não adianta apenas um indivíduo tornar-se melhor, pois participar da vida social é uma aspiração para que as coisas mudem, e a melhor maneira de resistir ao que está errado é estando próximo do erro.²⁷

A metodologia de Sócrates, vista como um método dialógico de perguntas e respostas, é o meio que ele encontrou de não simplesmente analisar a doutrina de seu interlocutor e suas opiniões, mas também, e de forma principal, analisar a pessoa e o seu caráter. Desse jeito, o diálogo movido por Sócrates tinha sua preponderância na investigação se a pessoa vivia de acordo com o que dizia, com o que se acreditava e defendia, ou se não passava de um mero discurso vazio de sentido²⁸.

Contudo, ao logo desse processo, naturalmente, os interlocutores percebiam a inconsistência em seus dizeres, ao passo que Sócrates consegue com êxito o seu objetivo: fazer daquele que se decide a dialogar chegar a uma postura aporética de “nada saber”, reformulando as supostas certezas e recolocando a necessária presença da dúvida na realidade do saber. Sendo assim, partindo das opiniões (*doxai*) dos interlocutores, vai conduzindo-os – por meio de sua refutação – a terem consciência de sua própria ignorância, o que, por vezes, geraria vergonha e raiva nesses mesmos interlocutores²⁹. Em síntese, a proposta socrática seria a de analisar se seu interlocutor, de fato, é virtuoso, se possui a sabedoria e o conhecimento que ousa dizer ter, mostrando que a verdadeira virtude é a percepção de sua própria ignorância e compreendendo que a sabedoria, parte da virtude, é caminho que se faz de forma paulatina até chegar ao conhecimento mesmo das coisas em si. Desse modo, o que está propriamente em questão é mais aquele que fala, do que aquilo que ele fala.

Como visto, a prática do diálogo é reflexo preponderante na filosofia socrática. Não se pode dizer que Sócrates tenha escrito alguma teoria filosófica e que, muito menos, tenha escrito qualquer coisa sobre filosofia. O que chegou até nós sobre ele são testemunhos e informações que revelam que, se se possui algo sobre Sócrates,

²⁷ PEREIRA, 2003, p. 9.

²⁸ Quanto isso, vale a pena ler as formulações feitas por ALMEIDA, 2011, p. 108.

²⁹ Trata-se do que se chama comumente de *elenchus* socrático. Para uma visão mais ampla deste tema, caso interesse, recomenda-se a leitura do artigo “O elenchus socrático”, de Charles M. Young, presente em BENSON, 2011, p.10ss, e o texto pioneiro de VLASTOS, de mesmo título, publicado originalmente no periódico *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, em 1983, e reproduzido, em tradução para o português, no volume *Refutação*, publicado pela editora Paulus em 2012.

este algo está, justamente, vinculado com sua práxis e o seu jeito de filosofar através do diálogo. Ao contrário dos sofistas, não ensina conteúdos, não lança sentenças e nem muito menos recebe pelos diálogos transmitidos. Sua vida é uma autêntica vida filosófica. Um testemunho de desapego das realidades materiais, ficando apenas com o necessário; homem das ruas e do mercado, seus lugares favoritos, onde engendrava, sempre que havia brechas, conversas que refletiam sobre a vida com todos aqueles que o cercavam. Se durante toda a sua vida procurou viver retamente na justiça e na virtude, até em seu julgamento lutou para não se distanciar dessa sua busca de vida: colocar em prática suas doutrinas filosóficas não apelando para os discursos emotivos e inférteis com o objetivo de comover a plateia e, com ela, aqueles que o julgavam; mas, impavidamente, manteve o seu compromisso com a verdade, a virtude e a sabedoria³⁰. E quando a sentença de morte lhe foi pronunciada, olhou para ela em seu lado mais belo, a sua parte mais sublime, a que talvez possa alcançar o verdadeiro saber. Mostrando, assim, a impossibilidade, para aqueles que filosofam, de interpretá-la como sendo algo ruim³¹. E quando a fuga lhe foi proposta, escolheu o que é justo: permanecer e acatar a decisão dos julgadores de Atenas³². Com efeito, esse Sócrates elucidado por Platão não é outra coisa senão um modelo do que seria o ato vivo do melhor modo de filosofar, um influenciador de uma vida voltada para a razão, um exemplo sempre pulsante, ao longo dos séculos, de alguém que conseguiu viver o mais alto grau de uma vida filosófica e espiritual. Em síntese: um filósofo que possuía um discurso vinculado com o modo de vida e um modo de vida vinculado a um discurso.

Sócrates inspirou, ao mesmo tempo, Antístenes – o fundador da escola cínica, que preconizava a tensão e a austeridade e deveria influenciar profundamente o estoicismo – e Aristipo – fundador da escola de Cirene, para quem a arte de viver consistia em tirar o melhor partido possível das situações que se apresentavam concretamente, que não desdenhava o repouso e o prazer e deveria, também, exercer influência considerável sobre o epicurismo -; mas ele inspirou igualmente Euclides – fundador da escola de Megara, célebre por sua dialética. [...] Em todo caso, um ponto parece comum a todas essas escolas: com elas aparece o conceito, a ideia de filosofia, concebida,

³⁰ À guisa de uma fundamentação, vale a pena conferir os diálogos platônicos para encontrar esse quadro evidenciado por Platão. De forma especial, quando se refere sobre o julgamento de Sócrates, é indicativo que se veja o discurso de defesa por ele feito na obra *Apologia de Sócrates*.

³¹ Ao se tratar da morte em Platão, torna-se impossível não fazer referência ao diálogo *Fédon*, em que Sócrates elenca os méritos da morte como meio para se chegar à sabedoria.

³² Sobre isso, conferir o diálogo *Crítón* de Platão.

nós o veremos, como um discurso vinculado a um modo de vida e como um modo de vida vinculado a um discurso.³³

Filosofar, nesta perspectiva, assumiria uma relação simultânea e inseparável entre discurso e modo de vida. É o ato de aplicar, na realidade do viver, uma recondução do indivíduo para si mesmo. Ora, como se apresentou há pouco, quando se trata da filosofia antiga, parece não haver distinção entre filosofar e viver. Uma realidade está intrinsecamente ligada à outra. A escolha do filósofo é uma opção existencial, tornando-a um modo de vida. O papel daquele que se decide a viver sob os moldes filosóficos fora sempre descrito pelos vários pensadores em diversos tempos. A figura do filósofo é, incontestavelmente, vinculada, quando não a um indivíduo dotado de uma sabedoria extraordinária – esse quadro é descrito, principalmente, por Platão –, à imagem da resistência aos desmandos de governos injustos e despóticos e da vida ascética.

Nietzsche o viu claramente, pelo fato de ter vivido, em que consiste o mistério da vida de um filósofo. O filósofo apodera-se de virtudes ascéticas – humildade, pobreza, castidade – para delas se servir com fins totalmente particulares, inauditos, muito pouco ascéticos na verdade. Aí reside sua singularidade. Elas não são neles máscaras morais, nem meios religiosos para outra vida, mas sim os ‘efeitos’ da própria filosofia. Para o filósofo não existe em absoluto ‘outra’ vida. Humildade, pobreza, castidade, volvem-se então nos efeitos de uma vida particularmente rica e superabundante, suficientemente poderosa para ter conquistado o pensamento e ter subordinado qualquer outro instinto [...]. Humildade, pobreza, castidade, eis a maneira própria de o filósofo ser um Grande Vivente, e de fazer de seu corpo um templo, uma causa por demais orgulhosa, demasiado rica, demasiado sensual. De tal modo que, ao atacar o filósofo, sofremos a vergonha de atacar um invólucro modesto, pobre e casto.³⁴

Filosofia, então, apresentada como um modo de vida, visaria a uma elevação e a um aprofundamento do espírito, pois, desse modo, poder-se-ia, talvez, chegar à sabedoria. De fato, a filosofia, em seu sentido genuíno, seria uma prática mobilizadora com virtudes ascéticas, na busca de se formular um modo de vida belo, exercitando-se no cuidado de si³⁵. De forma enigmática, Michel Foucault, quando trata da filosofia como algo vinculado a práticas e exercícios que moldam o estilo de vida do indivíduo, propõe que isso só é possível a partir de uma espiritualidade. Para ele, a filosofia, por buscar a ação da verdade, produz o modo novo de vida, colocando o indivíduo nas

³³ HADOT, 2014, p. 49.

³⁴ DELEUZE, 2002, p. 9.

³⁵ TESTA, 2012, p. 69.

sendas da verdade, fazendo sua vida se pautar pela *aletheia*, produzindo um viver pleno e belo. Quando fala em distinção entre filosofia e espiritualidade, compreende tal coisa como sendo uma separação apenas de ordem temporal. Tendo sua máxima fusão na filosofia antiga que se preocupava com as práticas cotidianas, com o exercício e o cuidado de si.

Tomemos alguma distância. Chamemos de 'filosofia', se quisermos, essa forma de pensamento que se interroga, não certamente sobre o que é verdadeiro e sobre o que é falso, mas sobre o que faz com que seja possível que haja ou possa haver verdadeiro e falso, mas sobre o que nos torna possível ou não separar o verdadeiro do falso. Chamamos de 'filosofia' a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade. Pois bem, se a isso chamarmos 'filosofia', creio que poderíamos chamar de 'espiritualidade' o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para os ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade.³⁶

Tendo posto tudo isso, resta propor uma conclusão sobre as reflexões feitas nesta seção. Mesmo com a multiplicidade de conceitos, ao se tentar definir "*filosofia*", grande parte dos autores parecem convergir na ideia de que a filosofia consiste em uma busca para explicar a origem e a ordem do mundo, orientando-se a partir daí para o domínio da experiência e das situações bem cotidianas e corriqueiras de cada realidade, espiritualmente direcionada. De qualquer forma, para os pensadores antigos e alguns autores modernos, parece não ser possível conceber os conceitos filosóficos como apenas doutrinas formuladas a partir de modos abstratos de compreender o mundo. Filosofia não é, unicamente, uma atividade discursiva, meramente racional e justificada por uma lógica argumentativa. Esta não seria, como visto, a única forma de filosofar. Quando se pensa na realidade antiga, principalmente, seria a filosofia, antes de tudo, uma atividade discursiva, substancialmente racional, que se relaciona, de forma intrínseca, com a vida e a situação presente de cada indivíduo. Ou seja, a filosofia é um modo de vida que, quando vivido de uma maneira plena e sob a espiritualidade, leva os seus a escolher sempre um estilo de viver que se ligaria com o ético, com o belo, com a razão, com a verdade... O próprio diálogo é um jeito platônico de se propor um exercício espiritual, na medida em que visa uma transformação contínua àquele que o pratica, se educa e se forma. Para além das

³⁶ FOUCAULT, 2010, p. 15.

críticas feitas por Cooper e Searle, despeito de uma “filosofia da prática”, não é difícil perceber que, desde sua gênese, a filosofia surge como uma terapeuta da alma humana, propondo exercícios espirituais tendo, como o único remédio o próprio ato de filosofar. A isso é possível encontrar nas escolas epicurista e estóica quando veem a filosofia como a atividade essencialmente transformadora de vidas. Com efeito, não há dicotomia nem ambiguidade entre discurso e vida cotidiana; entre análise racional da filosofia e filosofia vivencial da prática. Uma complementa a outra, respalda o papel da outra, construindo uma amálgama indissociável. Até porque, a educação na época antiga se justapunha na busca pela sabedoria, por meio dos discursos filosóficos, com práticas espirituais, que se refletem na vida de cada indivíduo.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, F. *Pierre Hadot e os exercícios espirituais: a filosofia entre a ação e o discurso*. Filosofia Aurora, Curitiba: PUCPR, v. 23, n. 32, p. 99-111, jan./jun. 2011.

BENSON, H. *Platão*. Trad. Marco Zingano. Porto Alegre: Arimed, 2011.

BRANDÃO, B. *A filosofia como modo de vida no platonismo da era imperial e em Plotino*. Mirabilia. Espanha, nº 17, p. 523-544, jul-dez. 2013.

CÍCERO. *Discussões Tusculanas*. Trad. Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2014.

COOPER, J. *Pursuits of wisdom: six ways of life in ancient philosophy, from Socrates to Plotinus*. Princeton: Princeton University Press, 2012.

DELEUZE. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no collège de France (1981-1982)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

HADOT, P. *Philosophy as a way of life*. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.

_____. *O que é filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Elogio de Sócrates*. Trad. Flávio Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. *Elogio da Filosofia Antiga*. Trad. Flávio Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, Trad. Flávio Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.

LAÉRCIO, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. do grego, introdução e notas de Mario da Gama Kury. 2ª ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1977.

MARROU, H. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1975.

OLIVEIRA, E. *A filosofia como modo de vida na Grécia antiga, segundo Pierre Hadot*. Aproximação, Rio de Janeiro, nº 9, p. 5-24, Primeiro semestre de 2015.

PEREIRA, B. Exercícios Espirituais: Pierre Hadot, Michel Foucault e a filosofia como modo de vida. *Comunidade Virtual de Antropologia*, nº. 11, p. 3-23, 2003. Acessado em: <[http:// antropologia.com.br/arti/colab/a11-bpereira.pdf](http://antropologia.com.br/arti/colab/a11-bpereira.pdf)> 26/06/2017, 16:38:38.

SELLARS, J. *The Art of Living*. Londres: Briston Classcis Press, 2009.

TESTA, F. *A filosofia como modo de vida: Michel Foucault e Pierre Hadot*. Cultura e Fé (Porto Alegre), v. 136, p. 63-79, 2012.

VLASTOS, Gregory; DIXSAUT, Monique. *Refutação*. Tradução de Janaína S. Mafra. São Paulo: Paulus, 2012.